

Desejos...

Ana Cristina Tavares
Professora e Investigadora na Universidade Lusófona

A secretária, uma mulher ossuda com lentes grossíssimas em aros de tartaruga, corre acenando com um livrinho preto encadernado: — Doutor, doutor!

— Sim, do que se trata?

— Desculpe, mas quando chegou do almoço esqueci-me de lhe dizer que aquela nova cliente ... — Interrompendo-a bruscamente e elevando o tom de voz: — Quantas vezes já lhe disse que são «pacientes» e não «clientes»?! Diga lá ...

— Aquela nova paciente de ontem, a senhora elegante e alta, passou por cá hoje, deixou este caderno de notas e recomendou-me que lho entregasse pessoalmente.

— Sim, já sei o que é, pode dar-mo e traga-nos dois chás, por favor.

António Sepúlveda e Miguel Antunes, o seu assistente estagiário, um jovem engravatado e vestido de escuro entram na sala de tons claros, decorada com pinturas surrealistas. Uma confortável *chaise-longue* alaranjada ocupa a parte central da sala que tem umas largas janelas de vitrais geométricos.

— Olha, enquanto eu procuro aqui o registo no computador, lê-me lá o que essa fulana escreveu. Ainda não a conheces, veio ontem pela primeira vez a uma sessão. É uma ricaça boazona com umas manias ecologistas. Quer que eu veja o seu *Diário* ou caderno de notas ou lá o que é. Lê-me lá isso:

«Oh, se fôssemos índios, já preparados e, em cima de um cavalo que corre, inclinados contra o vento, estremecêssemos repetidamente sobre o solo que treme até largarmos as esporas porque nunca houve esporas, até deitarmos fora as rédeas porque nunca houve rédeas e quase não víssemos a terra à nossa frente revelar um prado ceifado e liso, agora que o cavalo perdeu o pescoço e a cabeça.»

- O cavalo perdeu a cabeça e ela também ma faz perder! Risos...
- Dá licença doutor? Trago o chá com uns bolinhos secos.
- Entre, entre! Deixe aí na mesinha, junto à janela e depois pode ir-se embora, já não preciso mais de si hoje.
- Bom fim-de-semana, senhores doutores.
- Bom fim-de-semana, D. Rosa. Continua lá a leitura ...

«Porque somos como troncos de árvores na neve. Aparentemente estão apenas pousados na neve e com um simples empurrão conseguir-se-ia afastá-los. Não, não é possível porque estão firmemente ligados ao solo. Mas reparem que até isto é apenas aparente.»

— Olha, aqui está um bom exercício para ti! O que é que se pode dizer na próxima sessão a essa fulana, a partir desse texto? Atenção, exprime-te em linguagem que ela possa entender!

— Como é que se chama essa nova paciente?

— Ah! Cá está. Já encontrei a pasta... chama-se Leonor de Melo. A gaja é trintona, com boas curvas e formada em Literaturas. Está metida num ministério, num cargo qualquer de chefia mas só para se distrair, pois os dinheiros da família dão para sustentar o seu luxo! Então, o que me dizes a essas linhas Miguel?

— Penso que é evidente que há aqui uma recusa do mundo e da sociedade contemporânea. Diria mesmo que está patente um desejo de regresso a um universo mais puro e genuíno... uma espécie de paraíso perdido em que o homem estaria em harmonia com a natureza.

— Sempre me saíste um ingénuo deslavado! Se não fosses filho do meu melhor amigo, eu te diria... Não aprendeste nada com o nosso patrono Freud?! Então não vês aí a presença de símbolos fálicos?! Pois é disso que lhe vamos começar a falar na próxima sessão, para ver se a gaja se abre, entendes-me? Vamos falar-lhe dos símbolos fálicos presentes no seu texto... — (risinhos cúmplices). — Como é que achas que eu cheguei até aqui? Com falinhas mansas dizemos-lhes o que querem ouvir e damos-lhes corda para elas despejarem tudo cá para fora, despejarem até às entranhas, toda a podridão, percebeste?... Aprende, enquanto eu tenho disposição para isso! O essencial é fazermo-las sentirem-se importantes e únicas. É para isso que pagam estas terapias a preço de ouro, não é?

— No entanto, parece-me que há aqui aspectos mais complexos que podem remeter até para a alegoria da caverna de Platão, sobre a essência e a aparência...

— Sim, é claro! Falamos-lhe também disso, até é uma boa ideia... deve agradar-lhe porque mostra a cultura filosófica dela, subjacente ao que escreveu... Mas desmonta-me lá esses símbolos fálicos, vá! — E António Sepúlveda, enquanto ouve o estagiário, deita-se na *chaise-longue* de veludo alaranjado com braços em madeira de jacarandá, destinada aos pacientes, e vai sorvendo o seu chá lânguido.

— De facto podemos identificar vários símbolos fálicos: o cavalo que corre e fura o vento, os troncos de árvore... Aliás todo o texto remete, em certa medida, para a sexualidade. Temos por um lado a pureza virginal simbolizada pela neve e, por outro, o elemento masculino evidente nos troncos firmes.

— Muito bem, estás a chegar ao ponto. Pensa nisso no fim-de-semana e quero-te presente na próxima sessão, marcada já para segunda-feira. A tipa está cheia de pressa de ser analisada e nem quis esperar por sexta-feira, é o que dá ter a carteira bem recheada!

Às seis horas de segunda-feira, Leonor, folheando algumas revistas, espera sentada no grande sofá de couro castanho que ocupava a maior parte da saleta. O aposento é pequeno mas confortável, tudo ali estava decorado em tons de azul: a alcatifa, os cortinados e até a bomboneira e o cinzeiro eram de porcelana azul e branca. Leonor, mulher alta, vestia uma minissaia de couro preto que punha em evidência as suas pernas longas e bem torneadas, uma camisola multicolor realçava a sua tez algo pálida e fazia sobressair os seus olhos acinzentados e inexpressivos. Por vezes, para enganar a sua impaciência, dava alguma olhadela distraída aos transeuntes que atravessavam o jardim, em frente da casa rosa apalaçada.

(O ruído de uma porta que se fecha em baixo. Outra porta impaciente que se abre e a secretária pede a Leonor para a acompanhar até ao gabinete do doutor Sepúlveda).

— Faça favor, doutora Leonor, apresento-lhe o meu assistente estagiário, o doutor Miguel Antunes, recém-formado mas cheio de talento, como verá! Não a incomoda que ele esteja presente nesta sessão, espero? É que o seu caso é bastante interessante e assim somos duas cabeças a reflectirem sobre o que

nos confiar. É evidente que, apesar de estagiário, ele também deve cumprir o nosso código deontológico que o obriga ao sigilo, e a sua presença apenas terá lugar no início da terapia, depois parece-me fundamental uma relação mais íntima que só poderá existir entre o paciente e um só analista.

— Claro, claro, não me incomoda absolutamente nada, até pelo contrário, acho interessante e pertinente. . . Eu sei que quem deve falar sou eu e é disso que preciso, mas gostaria de saber a vossa opinião sobre um texto que entreguei à sua secretária. . .

— Faça favor de se descontraír na cadeira que já conhece. O meu assistente reflectiu bastante sobre o texto que nos confiou e dou-lhe então a ele a palavra. . .

Leonor ainda escutou por momentos o discurso pretensioso e demasiado decalcado nas sebatas, mas depois sentiu o apelo habitual e alheou-se nos seus pensamentos, sem saber por quanto tempo. No entanto, ao ouvir o nome de Bachelard reagiu.

— Ah, vejo que também leu Gaston Bachelard! Eu interesse-me sobretudo pela sua obra nocturna. Conhece as suas *Poéticas*?

— Evidentemente! Li os seus estudos sobre os devaneios e os sonhos . . . e para terminar queria só acrescentar que no seu texto também identifiquei um desejo inconsciente de androginia. Nas belíssimas imagens presentes no texto que escreveu sobre o índio, uma figura masculina sem qualquer dúvida, pode, no entanto, remeter-nos para as amazonas, figuras femininas rebeldes e indomáveis, geralmente representadas a cavalo, e que auto-mutilavam os seios para melhor lançarem as suas flechas. . . Aqui temos o índio que no nosso imaginário é retratado igualmente pelo arco e pelas setas. É claro que houve um deslocamento. . . o ser mutilado neste texto é o cavalo e não a amazona mas aí até se pode ver, uma vez mais, o desejo de fusão entre o humano e o animal.

A um gesto de Sepúlveda, Antunes compreendeu que devia abreviar o seu discurso e disse apenas: — Mas agora o que nos interessa é ouvi-la, doutora Leonor. . .

— O meu assistente tem razão, e como conhece bem os estudos de Bachelard sobre o lado nocturno da alma e sobre a imaginação poética, digamos se a interpretação que ouviu se lhe adequa?

— Achei interessantíssima a interpretação sobre o texto que deixei. Só uma precisão, não fui eu quem redigiu esse belo texto. Limitei-me a copiá-lo para o meu bloco-notas, onde escrevo tudo que se prende com o meu estado

de alma e preocupações actuais. Essa interpretação que fez da minha personalidade e problemas deve é ser aplicada a Kafka, pois é dele esse texto.

Os dois psicanalistas entreolharam-se confusos e algo incomodados. Leonor continuou: — Esse texto quis trazê-lo para as sessões de terapia porque corresponde exactamente aos meus devaneios, chamemos-lhe assim, de há alguns meses. Esse escritor pôs no papel tudo o que eu sentia na altura, então por que não fazer minhas as belas palavras dele?

— Continue, estamos a ouvi-la...

— Esse texto corresponde ao que eu considero ser a minha primeira fase, aquela em que eu, nos meus devaneios e sonhos, recusava o mundo em que vivia e ansiava por um universo mais puro e próximo das origens e sobretudo em harmonia com a natureza.

— Vejo que tem uma grande capacidade de auto-análise e reflexão, digamos o que espera exactamente destas nossas sessões?

— Eu preciso urgentemente de ajuda, doutor Sepúlveda, o meu caso é gravíssimo embora talvez não pareça. Vejo sempre o seu programa televisivo e li todos os livros que publicou sobre o imaginário simbólico... penso que é a única pessoa, neste miserável país, que terá competência para me ajudar!...

Sepúlveda achou que estava na altura de introduzir os símbolos fálicos no seu discurso para a pôr no que ele chamava «em ponto de rebuçado» mas, por outro lado, não queria interromper as suas divagações que o poderiam ajudar no seu diagnóstico. A tipa, afinal, até podia ter algum interesse... deixou-a falar...

— Pois é assim, meus senhores, passei por uma fase de recusa intensa de tudo o que fazia, de um sentimento de repulsa pela minha vida quotidiana. Senão vejamos, o que é uma profissão, por exemplo? A meu ver, trata-se apenas de realizar até à exaustão uma tarefa, sempre a mesma, repetitivamente como se não passássemos de máquinas presas numa engrenagem infernal. Não acham?

— Bom, há diferentes perspectivas, devemos procurar uma profissão de acordo com a nossa personalidade e capacidades para ser agradável em vez de constituir um fardo, não achas Miguel?

— Claro, claro, comungo da sua opinião Dr. Sepúlveda.

— Ora muito bem, os senhores chegaram aonde eu queria. Uma profissão pressupõe a realização de uma tarefa agradável e em sintonia com os nossos gostos e aptidões? Reparem, imaginem que vão colher flores e dispô-las numa jarra, o que nos pode dar prazer por variadíssimas razões: o facto de caminharmos no jardim e sentirmos a brisa leve, ouvirmos o barulho dos pássaros, observarmos

borboletas multicolores e depois, finalmente, o espectáculo das flores já num recipiente apropriado e que, por si só, constitui uma harmonia sinestésica. Mas, a partir do momento em que essa tarefa terá de ser realizada vezes sem fim, submetida a um horário e ainda por cima sermos criticados ou avaliados pelo seu respectivo desempenho, pelo cliente ou patrão, não interessa, onde poderá existir prazer?... Esse simples acto que poderia ser agradável torna-se numa tortura contínua e é isso que é uma profissão, pelo menos é assim que encaro o meu actual trabalho ou qualquer outro que infelizmente venha a ter no futuro.

— Bem, compreendo a sua postura. Mas já pensou que ter um trabalho é uma sorte, nos dias de hoje, para já por motivos económicos e depois porque o ócio leva ao tédio, não concorda?

— Dr. Sepúlveda, é evidente que no modo como as sociedades estão constituídas é necessário um trabalho, uma profissão, caso contrário é-se marginalizado social e economicamente. Mas o que eu ponho em causa é os fundamentos de sociedades assim constituídas e não me consigo integrar nas mesmas, entende? Ora repare, por que razão teremos de trabalhar? Muito simplesmente para termos dinheiro com o qual adquirimos bens, objectos, a maioria das vezes inúteis, não me refiro evidentemente à alimentação. Ou seja, somos escravos do «ter», como se a posse do objecto fosse imprescindível, quase um prolongamento do nosso corpo. Mas o que é que essa posse traz à nossa vida, nada! Trata-se apenas de uma dependência, um vício que não podemos largar e que nos escraviza! Estou farta! Ninguém me entende?!

— Claro, claro! Eu não vejo é em que é que isso constitui um problema grave no seu caso. Todos estamos um pouco descontentes com a vida que somos obrigados a levar, não é verdade? Além disso, com o seu espírito crítico com certeza arranjou maneira de superar esse, digamos que, inconformismo.

— Meus senhores, eu sinto-me literalmente num túnel sem luz ao fundo, num poço, num abismo, se quiserem, e já chega de imagens desgastadas que descrevam o modo como me sinto.

— Doutora Leonor, pode então, a partir do texto que nos leu e mergulhando talvez no passado, dar-nos mais algumas precisões sobre o que a levou a esse estado de angústia. Diga-nos, sentia o desejo de se tornar outra pessoa?

— É assim, desde a infância que me sentia ridícula e desajeitada... em suma diferente e, por isso, votada à solidão. Mais tarde apercebi-me que afinal até despertava os desejos masculinos, mas isso só serviu para ser usada e deitada

fora, entende-me? Ninguém compreendia a minha beleza interior, ninguém se interessava pelas minhas ideias, pela poesia que eu escrevia. . . por vezes as raras pessoas a quem eu me confiava achavam que eu tinha ideias estranhas e olhavam-me como se eu fosse um animal raro. Mas o que mais me atormentou. . . oh! mas isso não estou ainda preparada para o revelar!

— Continue, por favor.

— Eu sabia que a beleza de um ser humano não está na superficialidade da sua forma, do seu invólucro, mas na profundidade dos seus pensamentos. Eu sentia a necessidade de ser amada, mas de ser amada com plenitude e, . . . por multidões. . . Na altura desses arrebatamentos eu escrevia poemas eróticos ou até obscenos. Sabe, alguns cedem à orgia, eu sublimei os meus desejos. . .

— Estou a ver!... Então, neste texto de Kafka que nos disse transmitir o seu pensamento mostra o desejo de ser índio, será isso?

— É um pouco isso. Eu sempre tive o desejo de ser outra pessoa, de me fundir a outros seres que admirava, de ser múltipla. Houve alturas em que queria ser como as amazonas, sobretudo por só quererem os homens sexualmente, depois prescindiam deles na sua vida. Já que os homens não me compreendiam iria servir-me deles também, tratá-los apenas como um corpo que pode dar prazer e depois abandoná-los, de preferência fazendo-os sofrer. . . Mas não vale a pena entrarmos nesses pormenores.

— Sabe que Fernando Pessoa sentiu igualmente o desejo de ser Outro, de fusão, daí o fenómeno de heteronímia — e o estagiário aproveitou então para tentar mostrar a sua cultura literária à paciente.

— Sei sim, doutor Antunes, e do mesmo desejo de fusão sofreram também Hamlet e o próprio Shakespeare.

Sepúlveda via a conversa distanciar-se do que lhe interessava e decidiu que aquela seria a primeira e última sessão com Leonor a que Antunes assistiria, e acrescentou: — Então, depois das amazonas, veio o desejo de fusão com o índio?

— Sim, essa imagem de perfeição surgiu-me quando li essa passagem de Kafka. Aí tive um desejo de fusão muitíssimo forte, podia talvez ser um pouco relacionado com um universo ecológico, talvez de recusa da minha vida actual, de fuga e aproveitei para voltar a visitar o Brasil, sobretudo a Amazónia, passando umas férias prolongadas. No regresso trazia as malas recheadas com livros sobre os índios, desde poesia contemporânea brasileira, passando por relatos históricos, também o famoso romance de Ferreira de Castro, estudos antropológicos, e . . .

— Desculpe interrompê-la, doutora Leonor, mas dado o adiantado da hora e a profusão de informações sobre as quais é necessário reflectir acho melhor continuarmos na próxima sessão.

— Tem razão, também me sinto cansada, mas um pouco mais aliviada, acho que estou no bom caminho! Quando é que me pode receber?

— O habitual será haver sessões semanais... Pode fazer o favor de efectuar o pagamento e marcar lá fora com a minha secretária. Então até à próxima.

— Até à próxima, doutores. É verdade, sem querer ofender, eu preferia que as próximas sessões fossem só com o doutor Sepúlveda...

— Com certeza, com certeza!

— Doutora Leonor, já que vai trabalhar apenas com o doutor Sepúlveda e não nos devemos voltar a ver permita-me que lhe aconselhe a leitura de um antropólogo francês chamado Gilbert Durand...

— Agradeço o seu conselho — ripostou secamente, — mas já li os seus trabalhos sobre a imaginação simbólica. Então até breve, meus senhores.

— Irra! Estava a ver que não me livrava da gaja, parecia ligada à corrente. Logo hoje que tenho o jantar mensal do Clube de Psicanálise. Também vens?

— Hoje não posso, combinei encontrar-me com a minha noiva para ultimarmos os preparativos para o casamento.

— Ah, esquecia-me que já foste pescado! Nem sabes onde te estás a meter!

— Ora, nem todos têm vocação para solteirões...

— Doutor, doutor!

— Sim, do que se trata?

— A sua paciente, a doutora Leonor, deixou-me aqui novamente o caderno de notas com um texto para o doutor ler antes da sessão de amanhã à tarde.

— Agora preciso de sair mas dê-mo que posso lê-lo enquanto espero no consultório do dentista. Pode fechar tudo e até amanhã.

— Faça favor de se instalar confortavelmente, doutora Leonor. Li o texto que deixou à minha secretária e gostaria de a ouvir lê-lo por si, de modo expressivo...

Leonor executou o pedido com competência, diria que até com paixão algo exagerada:

«Uma vez, por esses dias, foram à guerra muitas das terras que falo, e muitos foram mortos pelos inimigos, donde, para se vingarem, outra vez lá voltaram e mortos muitos dos contrários, trouxeram grande

abundância de carne humana, e, indo eu visitar uma aldeia, vi que daquela carne cozinhavam em um grande caldeirão, ao tempo que cheguei atiraram fora uma porção de braços, pés e cabeça de gente que era coisa medonha de ver-se...»

— Ora, muito bem, uma autêntica declamação! Pode então explicar-me qual o seu interesse por este texto?

— Antes de mais é importante identificar o seu autor, trata-se de um excerto de uma carta do padre João de Aspicuelta Navarro, datada de 1550, se a memória não me engana.

— Sim, estou a ouvi-la...

— Sabe, após a minha primeira fase de que lhe falei e depois das inúmeras leituras de que me alimentei, rapidamente me dei conta de que o meu interesse e atracção não eram pelo índio associado ao mito do «bom selvagem» das narrativas de José de Alencar, por exemplo.

— Sim...

— O índio com o qual eu me identificava e com o qual ansiava por me fundir era o índio que guerreava com o branco e o comia, o índio canibal... Chocado, doutor Sepúlveda?

— Não, de modo nenhum, continue...

— Claro que não pode estar chocado! Até deve gostar destes desvios da alma humana ou não teria escolhido pormenores de pinturas de Hieronymus Bosch para decorar esta sala onde os pacientes têm de pôr a nu a alma, e talvez não só!...

— Aprecio a sua perspicácia mas escolhi esses quadros pois, além do seu valor estético inegável, penso que podem ter uma certa utilidade digamos que terapêutica... mas não nos desviemos, estava a falar do índio canibal...

— Exactamente, era o índio como excesso, o índio que encarnava a violência e o sexo, o índio antropofágico que me fascinava... É claro que não quis dizer isto à frente do seu assistente!

— Compreendo, muito interessante...

— Já agora, se me permite, queria ler outro texto que me marcou extraordinariamente. Trata-se de uma descrição do alemão Hans Stadens, era artilheiro e esteve prisioneiro de índios canibais brasileiros durante nove meses. Já ouviu falar?

— Não, em que época tiveram lugar esses acontecimentos?

— Foi no século XVI, ora queira ouvir-me por favor:

«...golpeiam o prisioneiro na nuca, de modo que lhe saltam os miolos, e imediatamente levam-lhes as mulheres, o morto para o fogo, raspam-lhe toda a pele, fazendo-o inteiramente branco, e tapando-lhe o ânus com um pau a fim de que nada dele se escape.»

— Adoro esta parte do «que nada dele se escape»! É a absorção completa do Outro... a fusão total! Magnífico! Não acha?...

Sepúlveda, a custo, dissimulou um esgar de repulsa conseguindo articular:

— Relato espantoso, sem dúvida.

— E verídico, doutor! Mas o alemão escapou e por isso é que chegaram até nós esses relatos que ele ainda publicou no seu país, no entanto a sua obra só foi traduzida no Brasil, no início do século XX.

E Sepúlveda, sobretudo interessado nos seios que adivinhava sob a camisa negra arrendada, ainda teve de se concentrar para ouvir a bela Leonor divagar sobre os índios antropófagos tupinambás e tapuias, escutar curtos relatos do francês Jean de Lery que também convivera com os índios, fingir-se interessado pelos comentários à obra *Tristes trópicos* de Lévi-Strauss até que atingiu a saturação e deu por terminada aquela sessão.

— Creio que fiquei bem elucidado sobre os aspectos apaixonantes implícitos na antropofagia mas para avançarmos mais no seu caso gostaria que na próxima sessão me falasse mais concretamente sobre os seus problemas actuais, o que não impede de voltarmos ao passado, evidentemente. Então até à próxima, cara Leonor, será que a posso tratar assim?

— Claro, só anseio por uma maior proximidade, doutor Sepúlveda...

— Abandonemos o doutor, tão formal e distante, apenas o meu nome, está bem?

— Claro ... António.

Durante o jantar mensal do Clube de Psicanálise, António Sepúlveda contou ao seu assistente e a alguns colegas mais íntimos os desvarios antropofágicos da sua paciente mais recente o que suscitou risos hilariantes e comentários jocosos ou a raiar a vulgaridade:

— Já que a gaja parece que até é boazona, quem a comia era já eu...

— Olha, diz-lhe que se ela quiser vir ao meu gabinete até a como de graça e com requintes, como os índios... Ah! Ah!

— Não, agora a sério, a fulana está-me a dar uma trabalhadeira para interpretar todas as imagens patológicas com que me bombardeia nas sessões.

— Então, tens que merecer os dinheiros exagerados que cobras, ou pensas que desconhecemos o preço das tuas sessões, meu menino?

— Não, a sério, aquela fulana está a dar comigo em louco! Faz-me constantemente chegar «material», como ela lhe chama, para eu analisar. Da última vez imaginem que deixou dois DVD para eu visionar no fim-de-semana, isto antes da sessão de segunda-feira.

— Então, meu caro, é o trabalhinho de casa!

— E o que continham os DVD, algumas cenas da gaja nua a ser comida? Ih! Ih! Parece-me que é isso que ela quer de ti e tu armado em asno andas a tentar interpretar as «imagens patológicas». Como conseguiste a reputação que tens é que eu gostava de saber!

— Chega de piadinhas de mau gosto! Os dois filmes eram de realizadores brasileiros, um dos anos 70 e outro dos anos 90 e falavam dum tipo que foi feito prisioneiro dos canibais.

— Lembras-te dos títulos?

— Porquê? Também queres passar o fim-de-semana a vê-los?

— Não sejas idiota! Tenho ideia de ter assistido a um colóquio em que um dos oradores comparava dois filmes de realizadores brasileiros e a temática era a antropofagia.

— Sim, por acaso lembro-me, um chamava-se *Como era gostoso o meu francês* e o outro tinha o nome do protagonista, *Hans Staden*.

— Meus caros colegas, chega de canibalismo, já ali vem a nossa feijoadazinha de gambas!

Ao chegar a casa, João Sepúlveda ouviu o som do *fax* e, apesar da hora tardia, não subiu logo aos seus aposentos do primeiro andar dirigindo-se à sala de atendimento da secretária, a D. Rosa, para ver do que se tratava. O chão estava juncado de folhas de papel que a máquina não parava de cuspir.

Mas o que é isto? Quem é que está a enviar mensagens sabendo que o consultório está fechado durante o fim-de-semana! E leu com estupefacção uma das folhas que começava assim:

«Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud ...»

e, algumas linhas abaixo outras referências ao *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade.

— Oh, não. Esta doida não me larga!

Nesse momento o telefone toca. O atendedor de chamadas deixa ouvir a voz sensual de Leonor: — Sei que está aí doutor Sepúlveda pois vi-o entrar. Preciso de o encontrar urgentemente. Posso ir aí? O meu carro está estacionado em frente ao jardim, é um Mercedes descapotável preto, pode ver-me da janela. Responda por favor!

António acede, diz-lhe para entrar e, por precaução, apaga essa e outras mensagens do atendedor para enganar a curiosidade da sua secretária. Então Leonor diz estar muito confusa, ouvir vozes, ser constantemente atormentada por visões. António procura acalmá-la e leva-a para a sala de consultas, oferece-lhe uma bebida mas esta já tinha privado em demasia com Baco, naquela noite. Dentro em breve a mulher há pouco apelidada de doida, mostra que o epíteto de Vénus deliciosa lhe assentava como um luva.

De manhã, Leonor ainda deitada e acariciando António recomeça as suas confidências egocêntricas:

— Sabes meu querido, escolhi-te a ti pois sabia que além de seres o melhor psicanalista eras uma amante extraordinário...

— Como...

— Lembras-te de duas pacientes tuas, a Isabel Rodrigues e a Ângela Amorim? Eram minhas conhecidas, amigas não diria, pois não me compreendiam... Foram elas que me aconselharam a vir fazer uma terapia contigo.

— Ah bom? E que te disseram elas?

— Isso agora não interessa. O importante é as revelações que te vou fazer e que mais ninguém sabe. Tu és o meu único e fiel depositário.

— Agradeço-te a confiança, mas sugiro que me contes tudo à frente de umas boas torradas e um café, o que me dizes?

— Está bem e aproveito para tomar um duche rápido.

— Ao fim-de-semana não tenho empregada por isso vais ter de confiar nos meus dotes de cozinheiro. Mas café e torradas ainda sei fazer. Risinhos...

— Hum, está delicioso o teu café. Pois bem, conheces com certeza o futebolista Pedro Mântua?

— Aquele que andava sempre nas festas do nosso *jet-set* raquítico e que parece que emigrou intempestivamente para o Brasil?

— Esse mesmo! Sabes, ele foi meu amante. Tinha um corpo de Apolo e sabia como satisfazer uma mulher, mesmo a mais exigente...

— Sim, e depois o que é que isso me interessa, estás a querer fazer-me ciúmes, Leonor?

— Não, nada disso. Tenta compreender querido, ele era o ideal masculino que eu queria incorporar em mim, absorver a sua força viril, o seu espírito de vitória, o seu humor fino... Ele é o meu ex-amante porque o assimilei, percebes? E ao dizer isto, Leonor acaricia a mão de António.

— Queres dizer-me exactamente o quê? Queres que eu pense que o ingeriste? Achas isso crível?

— Mas foi tão fácil, meu querido! Pensei em tudo!

E Leonor relata com um prazer deleitoso os pormenores de como «disfarçou» divinamente nas suas especialidades gastronómicas o infeliz jogador. António crê estar perante uma alucinação da sua paciente, mas então Leonor enerva-se por duvidarem de si, e dá uma profusão de pormenores: como preparara um álibi indestrutível, cita até jornais e datas comprovativas dos factos que relata que podem confirmar o seu desaparecimento misterioso e inesperado. Leonor não parece a mesma pessoa calma e reflectida, dir-se-ia um outro ser, uma espécie de gêmea de carácter intempestivo que sai batendo com as portas furiosas.

António pensa não ter de voltar a ver aquela mulher invulgar e, de qualquer modo, decide não querer saber mais nada daquela história mórbida e inacreditável. No entanto, segunda-feira, recebe no seu *e-mail* uma mensagem de Leonor. Esta desculpa-se dos seus desvarios dizendo serem o resultado das terríveis visões que tem tido ultimamente e que a levam a confundir realidade e aparência... Acaba a sua mensagem implorando para que continue com a sua terapia pois receia que um acto irreflectido da sua parte a leve ou aos outros ao precipício...

No final de mais uma sessão:

— Meu caro António, tenho estado a trabalhar para ti. Imagina que consegui despertar o interesse do meu tio, aquele banqueiro de quem te falei...

— Sim, sim recordo-me, e...

— Pois, ele está disposto a financiar o teu projecto da tal megalómana clínica e precisava de conhecer mais pormenores. Por isso combinei um jantar em minha casa para vocês falarem calmamente sobre o assunto. Estás disponível amanhã, espero!?

— Claro, uma proposta dessas não se recusa. Então a que horas me queres lá?

— Podes vir por volta das 20 horas. Ainda te lembras do caminho desde ontem? — Risinhos de gozo.

— Lá estarei e obrigada pela tua atenção. Até me custa a acreditar, salvaste-me o dia!

António contempla no espelho de talha dourada com primorosos dragões esculpidos o seu aspecto de cinquentão elegante e sensual. Bom, a gaja já está caídnha, agora é preciso impressionar o titi. Tenho o projecto do arquitecto na pasta, a legislação, as fotografias, OK, está tudo, vamos a eles!

— Entra, António, vim eu abrir pois dispensei os criados durante o fim-de-semana. Sabes, é que vou viajar. Estou muito cansada, preciso de espaiar...

— E o teu tio já chegou?

— Não chegou, nem chegará.

— Então o que aconteceu?

Após um riso estridente e nervoso, Leonor articula: — Desculpa, preparei-te uma pequena brincadeira. Afinal vamos viajar os dois, vamos passar um fim-de-semana *delicioso*, vais poder conhecer o meu refúgio secreto.

António estupefacto nem sabe o que dizer.

— Hoje és o único convidado, o convidado de honra — e rindo-se, — és o prato principal, meu querido! Não penses que te vou comer no sentido literal, já estou curada, graças a ti! Quero é que me possuas, leva-me ao paroxismo, eu sei que és capaz! E começa a despi-lo beijando-o lenta e amorosamente... António não resiste até porque aprecia estes jogos perigosos com as pacientes considerando que se têm mostrado úteis em determinadas terapias.

— Doutor Antunes, estou muito nervosa, diga-me, acha que devo telefonar às autoridades?

— Realmente, D. Rosa, não sei o que lhe diga. O doutor Sepúlveda não está em casa nem no seu gabinete, não deixou qualquer mensagem, tem o telemóvel desligado... Não é hábito dele, sempre tão pontual.

— E o que é estranho é que não cancelou as sessões que estavam previstas para hoje de manhã.

— Quem era a primeira paciente?

— Deixe-me ver... Para as 10 horas estava marcada a doutora Leonor. Mas olhe, ela também não apareceu e nem telefonou. Já viu as horas? É quase meio-dia. Acho que vou telefonar aos outros pacientes a cancelar pelo menos as sessões do início da tarde.

— Olhe Dr. Antunes, chegou-me o aviso de novo *e-mail* no computador, vamos lá a ver do que se trata. Para já, não conheço a proveniência e tem apenas duas linhas:

**«Deglutir tudo. Construir de novo.
Destrói, pois toda a criação vem da destruição.»**
(*Revista de Antropofagia*, 1929)

— Não percebo nada! O doutor entendeu algo?

— É um pouco enigmático, mas parece-me que quem enviou isso terá sido o Dr. Sepúlveda ou a sua paciente, a Dr.^a Leonor...

Então, caros telespectadores, temos hoje como nosso convidado especial o eminente psicanalista, o Dr. António Sepúlveda que nos vem falar do seu último livro. A grande novidade é tratar-se da sua primeira incursão pelo universo ficcional. Pode falar-nos um pouco dessa novíssima obra?

— Com todo o gosto! Este não é mais um daqueles ensaios chatos a que habituei o meu público fiel. — Risinhos...

— O doutor pode apelidá-los de chatos mas pelo volume de vendas são autênticos *best-sellers*. Mas satisfaça a curiosidade do nosso público. Qual é o assunto do seu romance?

— Ora, trata-se como disse de uma obra ficcional mas baseada em factos verídicos. Este livro foi inspirado no caso duma paciente minha que infelizmente já não se encontra entre nós...

— Sim, pode concretizar mais?

— Essa paciente estava dominada por uma enorme pulsão de violência e os seus desejos e obsessões acabaram por impedi-la de levar uma vida normal, pelo menos na aparência.

— E que mais doutor Sepúlveda?

— Posso levantar apenas a ponta do véu, não posso contar tudo! Digamos que esta obra se baseia nas alucinações e em acontecimentos trágicos ligados a perversões da minha ex-paciente cujo nome, como é evidente, nunca revelo.

— E sobre o final do livro pode dizer-nos algo?

— Essa foi a parte que mais prazer me deu a escrever. Posso dizer que o final do romance está plenamente de acordo com esta nossa época interactiva.

— Está a deixar-nos com água na boca... — risinhos.

— Bom, posso revelar que há três finais diferentes, uns de teor mais lúdico ou mais mórbido consoante o humor do leitor.

Ana Cristina Tavares

— Bom, pelos ingredientes referidos, estou certa que será mais um novo sucesso editorial graças ao doutor Sepúlveda. Passamos agora ao nosso próximo convidado...